

A ARTE DE ENSINAR OS SURDOS PELA VISTA

DE PONCE DE LEÓN A JUAN PABLO BONET

Isabel Sofia Calvário Correia¹

1. Visão invisível: os surdos na visão patrística e religiosa

Quando passeamos numa rua movimentada ou tranquila não é visível se nos cruzamos com uma pessoa surda, visto que não há marcas exteriores dessa diferença. Esta invisibilidade não é apenas contemporânea, terá sido assim ao longo dos séculos até que a pessoa tivesse necessidade de ouvir algo ou falar. Não vamos deter a nossa atenção nesse olhar de antanho sobre os surdos, tal não é o escopo do nosso trabalho, e é tema já estudado, desde a admiração suscitada no tempo dos antigos faraós ou o rótulo de seres sem raciocínio dado por Aristóteles². Notemos apenas, pois nos parece relevante para este breve apontamento, que na Bíblia Cristã, mais concretamente em Marcos, 7, 31-37 é referida a cura de um surdo-mudo. A pessoa surda torna-se, assim, visível, pois não tem voz, ou não tem a que se esperaria ouvir. Além disso, também não escuta a palavra de Deus, o que a poderia privar da glória eterna. Já Santo Agostinho considerava que a surdez era uma punição divina infligida aos pais do surdo, mas, na sua obra *De Magistro*, defendeu que este poderia expressar-se por gestos.

As últimas palavras do parágrafo anterior têm grande importância na (in) visibilidade do surdo. Assim, nada se via de distinto, a não ser a ausência de fala ou a articulação particular, que, no caso, não eram vistas, mas ouvidas até

1 Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, Rua D. João III—Solum, Coimbra, Portugal. email: icorreia@esec.pt.

2 P.A. Vaz de Carvalho, *Breve História dos Surdos no Mundo*, Lisboa: Surd'Universo, 2007.

que se menciona a existência de gestos ou sinais como forma de comunicação possível, como se pode ler no *De Magistro* de Santo Agostinho:

Agostinho – Nunca observastes como os homens se comunicam com os surdos? Do mesmo modo que os próprios surdos, também respondem, ensinam ou indicam muito do que desejam por meio de gestos. Assim, não se mostram sem palavras só as coisas visíveis, mas também sons, sabores, e outros análogos³.

A pessoa surda torna-se, desta forma, visível, pelo meio de comunicação visual e tangível que usava na comunidade. Desconhece-se se era uma língua estruturada ou apenas códigos gestuais utilizados como facilitadores de comunicação. Todavia, é pela visão que ela é rececionada e é também este o sentido que se torna o veículo de salvação e santidade. São Jerónimo, no *Comentário à Epístola de São Paulo aos Gálatas*, afirma que os surdos comunicam através do corpo e de gestos, podendo, sem ouvir, receber a graça de Deus:

Someone may ask: if faith comes only from hearing, how can people born deaf become Christians? [...] the deaf are able to learn the Gospel by nods, everyday routines and the so calling talking gesticulation of the entire body⁴.

Os debates sobre a linguagem, como os que se encontram na obra citada de Agostinho, ou a interpretação das escrituras e da receção da salvação, poderão ter sido um dos caminhos para a visibilidade da língua usada por quem não ouvia. Acrescentamos que na Igreja Ortodoxa se venera um Santo, de cuja vida pouco se sabe, mas que se assegura ter sido surdo de nascença. Apesar disso, acedeu à palavra de Deus que conheceu e aplicou em vida de santidade. Referimo-nos a São Marco, o Surdo, um asceta, que terá vivido no século XIII e que tem ainda hoje dedicada a si uma capela no mosteiro de São Jorge Arsénio em Creta⁵.

- 3 «Augustini — Numquamne vidisti, ut homines cum surdis gestu quasi sermocinentur ipsique surdi non minus gestu vel querant vel respondeant vel doceant vel indicent aut omnia, quae volunt, aut certe plurima? Quod cum fit, non utique sola visibilia sine verbis ostenduntur, sed et soni et sapores et cetera huiusmodi» Santo Agostinho, *De Magistro*, trad., org., intro. e notas A.A. Minghetti, Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015, III.5, p. 46.
- 4 Jerónimo de Estridão, «Commentary on Galatians», in *The Fathers of the Church: A New Translation*, vol. 121, trans. A. Cain, Washington, DC: The Catholic University of America Press, 2010, pp. 121-122.
- 5 Informação retirada de *Orthodox Deaf Christian Association*, «Saint Mark, the Deaf, Our Patron Saint», in *Orthodox Deaf Christian Association* (consultado em 21 de outubro de 2024), URL: <https://www.orthodoxdeaf.org/patron>.

Diz-se que as suas santas orelhas foram extraídas aquando da sua morte e viveu em santidade. Não podemos afirmar com segurança que usasse uma língua gestual para comunicar, mas poderemos deduzi-lo uma vez que, como é sabido, pelo menos o uso de sinais monásticos⁶ não era prática incomum.

1.1 Os códigos gestuais monásticos: a visão como recetor do silêncio

O mais antigo livro conhecido que regista códigos gestuais, é o *Monasteriales Indicia*, possivelmente copiado entre 910 e 1000, e conservado no manuscrito Cotton Tiberius A.iii da British Library, uma compilação dos séculos XI e XII. Este códice, escrito em inglês antigo, compila 127 gestos descritos nos fólios 97v a 101r usados pelos monges beneditinos para cumprirem a regra do silêncio:

The practice of monastic sign language was probably introduced to England in the late 10th century from the powerful abbey of Cluny in Burgundy as part of the reform movement. The Canterbury *Indicia* borrows many signs from the Cluniac lists, yet differences show the English abbey tailored the list to better suit the Anglo-Saxon community. This can be seen in the food items that are featured. Cluniac monks enjoyed a rich diet including a range of baked goods, several species of fish, spiced drinks and crêpes. In contrast, the Canterbury food list is much less varied, but features local delights such as oysters, plums, sloe berries and beer⁷.

Conforme indica a citação, estes gestos eram copiados de outros e usados para cumprir o requerido voto de silêncio e o comedimento na língua que a Regra de S. Bento preconizava. Assim, eram produzidos pelos monges e registados por escrito, com descrição detalhada sobre a sua execução, ficando de alguma forma fossilizados. Todavia, registavam-se variações, uma vez que os códices circulavam pelos vários mosteiros, podendo variar de acordo com a cultura local, ou seja, se algum objeto ou prática não era observado naquele lugar, poder-se ia retirar um dos gestos e/ou criar outro mais adequado, como também se lê na citação acima.

6 Ao longo deste trabalho usamos sinais e gestos como sinónimos no âmbito da codificação de conceitos com recurso aos articuladores manuais e faciais.

7 D. Banham, «Silence is a Virtue: Anglo-Saxon Monastic Sign Language», (consultado em 22 de outubro de 2024), URL: <https://blogs.bl.uk/digitisedmanuscripts/2016/11/silence-is-a-virtue-an-glo-saxon-monastic-sign-language.html>.

Também na Península ibérica, mais concretamente nos manuscritos alcobacenses da Ordem de Cister, a comunicação por meio de gestos nos mosteiros medievais está documentada na sua forma e regras de execução:

Alguns fólios dos códices alcobacenses da Biblioteca Nacional de Lisboa reproduzem aquilo que os copistas denominaram “signaes que p(er)teecem aa Egreja”, “methodo de explicar por sinaes” ou “signa loquendi”. Em todos os casos trata-se de uma lista de tamanho variável contendo indicações escritas com sinais a serem efetuados em certos momentos e lugares na comunicação entre os monges. Os *signa loquendi* consistiam numa série de movimentos feitos com a(s) mão(s) ou com o(s) dedo(s) da(s) mão(s) para designar determinados sujeitos/objetos concretos e/ou abstratos, vindo a constituir uma forma de comunicação gestual⁸.

Além disso, também eram comuns as alterações de acordo com os hábitos locais:

as adições e alterações de conteúdo deviam-se às adaptações necessárias na comunicação em diferentes realidades, pois as linguagens devem ser vivas para ter eficácia. Nas listas portuguesas, por exemplo, o sinal de determinados peixes desconhecidos em terra lusa, como o arenque, não foram incluídos em algumas listas. Por outro lado, há vários peixes que só se encontram nas listas alcobacenses – como a sardinha, o côngrio e a peixota –, ou frutas, como o figo⁹.

De notar que os gestos eram usados em conventos masculinos e femininos, como na Regra das Clarissas:

Um outro pilar da estrutura da Ordem de Santa Clara era o dever de todas as freiras “terem continuo silencio” e, por isso, usarem, entre si, sinais “religiosos e honestos”. São, como acima referimos, os “sinais loquendi” frequentes nos mosteiros quer femininos quer masculinos¹⁰.

8 J.R. Macedo, «Disciplina do silêncio e comunicação gestual: os *signa loquendi* de Alcobaça», *SIGNUM: Revista da ABREM* 5 (2003) 88-107. Ainda segundo este autor, os diversos gestos registados nos vários códices monásticos não apresentavam grandes variedades de execução ou de tema, centrando-se em códigos para as atividades diárias e religiosas. J.R. Macedo, «Disciplina do silêncio e comunicação gestual...», cit., p. 5.

9 J.R. Macedo, «Disciplina do silêncio e comunicação gestual...», cit., p. 7.

10 M.J.A. Santos, *As Regras da Regra de Santa Clara*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p. 44.

Além desta acomodação cultural, também havia gestos registados para uso nos mosteiros femininos e outros para os masculinos. Assim, e recorrendo aos trabalhos já citados de José Rivar Macedo e Maria José Azevedo Santos, sabemos que os monges documentaram vários códigos gestuais para se referirem aos diversos cortes de cabelo e barba, significativos na hierarquia do mosteiro, não se registando gestos para identificar a hierarquia monástica como, por exemplo, o de abadessa ou noviça. Nos mosteiros femininos, pelo contrário, registam-se códigos para nomear as diversas posições dentro do mosteiro, mas não se regista o uso de gestos para a mesma realidade masculina.

Excetua-se, no caso masculino, a nomeação da Virgem, mãe de Deus, que apresenta o uso da marcação do feminino documentada já no códice escrito em anglo-saxão¹¹ e também no alcobacense, que transcrevemos: «Por signal de uirgem, facto o signal do sancto, faze signal de femea, que he trazer o dedo demostrador pella testa, de sobrancelha a sobrancelha [...]»¹².

Idêntico gesto era usado para marcar o género natural, como se pode também ler na execução do código que representa truta:

Quanto ao sinal de truta – peixe com denominação feminina – também se recorria a duas imagens: a de peixe, que consistia no movimento da mão simulando as ondulações provocadas pelo rabo de um peixe, associada com a de mulher, ou seja, o referido movimento com o dedo indicador da mão direita, de uma sobrancelha até a outra¹³.

Este excuso que aqui trazemos é um ponto de reflexão sobre a visão histórica em torno da génesis das línguas gestuais, questão complexa e não central a este breve apontamento, nomeadamente a sua relação com os gestos usados nos mosteiros. Pelo exposto, entende-se que tais códigos foram criados artificialmente, logo não obedecem ao requisito de uma língua natural, a sua espontaneidade. Além disso, a intenção era servirem o mínimo de comunicação e não se transformarem numa alternativa comunicacional, pois se assim fosse observava-se o silêncio, mas não a discrição nas conversas.

11 De acordo com uma lista traduzida a que acedemos, «the sign of a laywoman is to move your fingers across your forehead from one ear to the other in the sign of a headband» (Fisheaters, «Monastic Sign Language», (consultado em 22 de outubro de 2024), URL: <https://www.fisheaters.com/monastichandsigns.html>).

12 Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Alc. 218, f. 164.

13 J.R. Macedo, «Disciplina do silêncio e comunicação gestual...», cit., pp. 5-6.

Caminhando para o ponto seguinte do nosso trabalho, não podemos deixar de notar que o vocábulo gestual “Mulher” que encontramos nos códices antigos, inspirado na vestimenta feminina, mais concretamente nos adornos dos cabelos, poderá ter sido aquele que motivou o ainda atual signo gestual de mulher na contemporânea *Langue de Signes Française* (LSF) e na *Língua Gestual Portuguesa*, idiomas de, respetivamente, França e Portugal, lugares que acolheram monges e seus gestos codificados. Assim, ainda que Maria José Azevedo Santos note que os gestos recolhidos na Regra das Clarissas não correspondam aos atuais da LGP, não podemos deixar de notar que alguns ainda se aproximam de vocábulos da LSF e que, a sua motivação, segue os mesmos parâmetros que o das línguas naturais. Tal relação entre os códigos dos monges e a construção das línguas gestuais, carece de investigação muito mais apurada e aprofundada.

Acrescentamos, como remate desta já longa incursão sobre as relações entre os códigos monásticos e as línguas das comunidades surdas, que os surdos poderiam estar entre os «tolos e inocentes»¹⁴ que os mosteiros acolhiam e que teria sido mais simples usar a mímica e, talvez, um ou outro sinal que o monge utilizasse no quotidiano. Como já sublinhámos, esta hipótese carece de atenção cuidada e não implica, de forma alguma, que as línguas gestuais tivessem tido origem nos códigos de silêncio dos monges. Sabemos que as línguas gestuais surgem por contacto e convenção das comunidades surdas e não através de sistemas artificiais, contudo, não nos é possível garantir com certezas que alguns desses vocábulos artificiais não tivesse migrado ou estado na base de outros criados pelas comunidades surdas, ou vice-versa. O que importa reter é que dentro dos mosteiros se considerou a possibilidade de comunicar pelas mãos tornando-se a visão o órgão percutivo da linguagem. Tál facto levou a que, além disso, também se considerasse a possibilidade de codificar o saber e a forma de o transmitir tornando-se os olhos o recetor da informação.

2. O ensino de surdos: números, alfabetos e tratados

Além do uso de gestos para a comunicação essencial nos mosteiros, há registos do uso de contar e calcular com os dedos, já desde o século XI, como se pode ver no *Computus* do Venerável Bede, contido no manuscrito Tegrimi M.925,

14 L. Reily, «O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos», *Revista Brasileira de Educação* 12/35 (2007) 308–326. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000200011>

ff. 38r-39r¹⁵ e, também, no manuscrito Royal 13 A XI 33v¹⁶. Semelhante obra de Rábano Mauro chegou até nós num códice alcobacense, o que significa que foi conhecida dentro dos mosteiros portugueses. Os testemunhos ilustram a forma de contar usando configurações dos dedos para representar números até um milhão. Na figura abaixo reproduzida¹⁷, podemos verificar as diferentes configurações dos dedos para representar números decimais usando configurações manuais, localizações no corpo, movimentos e orientação da palma das mãos. Estes são quatro dos cinco parâmetros considerados base para a formação de vocábulos gestuais nas línguas visuais¹⁸.



Figura 1 Execução gestual para os números.
London, British Library, Ms. Royal 13 a XI, f. 33v

- 15 New York, The Morgan Library, Ms. M925 (consultado em 20 setembro de 2024), URL: <http://ica.themorgan.org/manuscript/thumbs/160011>.
- 16 London, British Library, Ms. Royal XIII A11 (consultado em 20 de setembro de 2024), URL: https://iiif.bl.uk/uv/#?manifest=https://bl.digirati.io/iiif/ark:/81055/vdc_100056059709.0x000001.
- 17 Este manuscrito está digitalizado e pode ser consultado em: https://iiif.bl.uk/uv/#?manifest=https://bl.digirati.io/iiif/ark:/81055/vdc_100056059709.0x000001.
- 18 A título de exemplo ilustrativo das cinco unidades mínimas que constituem os signos gestuais veja-se W. Sandler — D. Lillo-Martin, *Sign Language and Linguistic Universals*, Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

Além do uso para a matemática, cálculo de dias santos, como a Páscoa, as mãos eram também usadas para registar notas musicais. Sabe-se também que Bede usou as configurações da mão também para representar letras¹⁹. Assim, conforme nos diz Irene O'Daily,

The hand, the most portable device of all, was a powerful tool for symbolic representation, calculation, and mental processing in the Middle Ages, and indicates the presence of a comprehensive, but elusive, gestural vocabulary, the full meaning of which we can only guess²⁰.

Pela citação anterior, depreende-se que no interior dos mosteiros, a par com a comunicação visual imposta pelo silêncio, também se codificava o saber através das mãos e das potencialidades que esses articuladores ofereciam não apenas para cumprir desideratos religiosos, mas como mnemónicas ou representações de letras ou algarismos com dígitos vários.

Sabendo o potencial de codificação que as mãos poderiam ter, vendo-se, talvez ao passar nas ruas, os surdos a comunicarem por gestos, parece provável que se pudesse transpor uma ferramenta de registo do saber para o ensino. Talvez motivado por todo um passado repleto de comunicação visual, Bártnolo de Ancona, no século XIV, tivesse escrito na sua obra *De Digesta Nova* que os surdos poderiam aprender a ler e a escrever através de um sistema visual e da leitura labial. A este estudioso de direito seguiu-se Rodolfo Agrícola, um filósofo holandês, que, no século seguinte, afirma na sua obra *De Inventione Dialectica*, que os surdos podem aprender através de um sistema visual. O seu quase contemporâneo, mas já nos alvores do século XVI, o intelectual Jerónimo Cardano, reafirma este ensinamento dizendo que a fala pode ser substituída pela escrita, habilidade acessível aos surdos através de um método visual²¹, ou seja, o surdo pode através de gestos e memorização de imagens aprender a ler, a escrever e exprimir o pensamento²². Assim, todas as questões sobre a possibilidade de a

19 L. Reily, «O papel da Igreja...», cit., p. 313.

20 I. O'Daily, «Finger counting and Hand Diagrams in Middle Ages», (consultado em 25 de outubro de 2024), URL: <https://medievalfragments.wordpress.com/2014/03/14/talk-to-the-hand-finger-counting-and-hand-diagrams-in-the-middle-ages/>.

21 M. Marschark — P. Spencer, *Deaf Studies. Language and Education*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

22 Berthier, um dos primeiros autores surdos a escrever sobre educação de surdos no século XIX, resume assim as palavras de Cardano: «Le sourd-mouet, dit il ailleurs, doit apprendre à lire et à écrire; car il le peut aussi bien que laveugle, comme nous l'avons montré ailleurs.

visão substituir a audição e fala, eram terreno fértil para que surgissem tentativas, experiências e sucessos na educação de surdos. Porém, ainda que já desde Bede haja notícias de ensino de surdos a falar e que, inclusive, se diga que quer Agrícola, quer Cardano terão experimentado os métodos que propunham para o ensino da leitura e da escrita²³, é das portas do mosteiro que surge a primeira notícia da educação de surdos através de um sistema de comunicação visuogestual.

2.1. Pedro Ponce de León: o monge que ficou no silêncio

Pedro Ponce de León foi um monge beneditino que viveu no século XVI, mais concretamente entre os anos 1513 e 1584²⁴, no mosteiro de São Salvador de Oña, Burgos. Infelizmente não se conservou nenhum dos seus escritos que, ou nunca terão tido registo, ou se perderam num incêndio que afligiu o mosteiro²⁵, tendo nós tido notícias do que terá sido o seu método através da publicação de um leigo que lhe sucedeu e a quem dedicaremos apartado próprio neste texto.

Este monge teve a seu cargo a educação de dois irmãos nobres, Francisco e Pedro Fernández de Velasco y Tovar, filhos de um casamento consanguíneo do Marquês de Berlanga. Segundo Reily,

o casal teve pelo menos nove filhos, entre os quais quatro eram surdos: esses dois meninos e duas meninas, que foram enviadas a outros conventos. Entre eles provavelmente se havia desenvolvido uma sinalização caseira, que encontrou eco nos sinais beneditinos. O monge Ponce de León foi designado “anjo da guarda” dos meninos e foi aí que se deu o cruzamento histórico dos sinais monásticos com os sinais dos surdos²⁶.

[...] On peut exprimer un grand nombre d'idées par des signes... [...] mais elle [l'écriture] peut aussi retracer directement la pensée sans l'intermédiaire de la parole». F. Berthier, *Les Sourds-Muets avant et depuis L'Abbé de L'Épée*. Paris, J. Ledoyer Libraire, 1840.

- 23 Bede regista na sua *Historia Ecclesiastica* que um jovem surdo foi ensinado a falar tendo como perceptor o arcebispo João de Hexham. Vide L. Reily, «O papel da Igreja...», cit., p. 320.
- 24 Informação retirada de M.P. González Rodríguez — G.F. Calvo Población, «Ponce de León y la enseñanza de sordomudos» in M.R. Berrueto Albéniz — S. Conejero López (coords.), *El largo camino hacia una educación inclusiva: la educación especial y social del siglo XIX a nuestros días* (XV Coloquio de Historia de la Educación, 29, 30 de junio y 1 de julio de 2009, Pamplona-Iruña: Universidade de Navarra, 2009, pp. 627-638, cf. p. 627. (consultado em 25-10-2024), URL: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2962825>.
- 25 M.P. González Rodríguez — G.F. Calvo Población, «Ponce de León y la Enseñanza de sordomudos...», cit., p. 631.
- 26 L. Reily, «O papel da Igreja...», cit., p. 321.

Sabe-se que esses meninos tinham de ser ensinados pois a lei exigia que apenas pudesse herdar terras quem soubesse ler e escrever. Além disso, o sucesso deste método levou a que os juristas coevos escrevessem tratados que revissem os direitos dos surdos à nascença, caso dos irmãos Velasco:

Hace referencia al monje benedictino y a su tarea de desmutización, es el licenciado Lasso en su Tratado legal sobre los mudos, de 1550 [...] dedica a uno de los dos hermanos desmutizados, Francisco Tovar, legítimo sucesor del marquesado de Berlanga. Lasso preparaba un estudio jurídico sobre mayorazgos y un capítulo obligado en este tipo de estudios lo constituía el dedicado a los surdos y mudos [...] Había oído hablar de los dos mudos que habían conseguido hablar por obra de Ponce de León²⁷.

Pelas citações acima depreende-se que Ponce de Léon teve sucesso em fazer com que os irmãos falassem. Também se infere que, sendo ambos surdos, teriam um meio caseiro de comunicação gestual que terão partilhado com o monge. Tal suposição faz sentido, uma vez que os “códigos caseiros” ou *home signs* ainda são observados na contemporaneidade, sendo uma das provas de que as línguas visuais são línguas naturais²⁸. Ora, também poderia ter sucedido assim e, paralelamente, os irmãos poderiam ter aprendido, mantido ou modificado os gestos monásticos que Ponce usaria no mosteiro, hipótese que já adiantamos acima e que outros autores também apontam para este caso particular: «In other words, the mere fact that Ponce was a sixteenth-century Benedictine requires us to proceed on the assumption that he knew a sign lexicon and taught his pupils in an environment where it was used»²⁹.

27 M.P. González Rodríguez — G.F. Calvo Población, «Ponce de León y la enseñanza de sordomudos...», cit., p. 629.

28 As crianças surdas desenvolvem códigos gestuais, mais ou menos complexos, para comunicarem com a família ouvinte em que se inserem. Esses gestos são partilhados nesse ambiente podendo cristalizar-se aí, desaparecerem ou manterem-se em paralelo, e nesse contexto, aquando da aprendizagem de uma língua gestual estruturada. Sobre este assunto, e a título de exemplo, veja-se J.O. Reno, *Home Signs: An Ethnography of Life beyond and beside Language*, Chicago: The University of Chicago press, 2024.

29 L. Bragg, «Visual Kinetic Communication in Europe before 1600: A Survey of Sign Lexicons and finger alphabets prior to the rise of Deaf Education», *Journal of Deaf Studies and Deaf Education* 2/1 (1997) 1-25, cf. p. 21.

Porém, como cautelosamente acrescenta o autor acima citado, nada nos indica qual a atitude e propósito do monge perante os gestos que terá usado. O que nos dizem as fontes consultadas é que os irmãos falaram e que Ponce os terá ensinado em primeiro lugar a escrever, como já propunha Cardano no século anterior:

En el libro de Francisco Vallés, Médico de Felipe II, *De iis quae scripta sunt physice in libris sacris, sive de sacra Philosophia liber singularis*, publicado en Turin en 1587, donde al tratar de la cuestión de si los hombres por naturaleza aprenden a hablar antes que a escribir, dice que no ocurre esto necesariamente, como por experiencia lo ha probado el monje de Oña, su amigo, que a los discípulos sordomudos les enseña primero a escribir y, luego, valiéndose de la escritura, a hablar³⁰.

Como não chegou até nós nenhum testemunho escrito do autor ou de alguém coeve sobre o seu método, restam-nos suposições. Cremos, ainda que não possamos aferir qual o propósito ou uso de gestos para o ensino, que seria natural que o monge se servisse de mímica e códigos gestuais, acompanhados com imagens para comunicar e ensinar a difícil tarefa da leitura e da escrita aos irmãos e a outros discípulos que lhes sucederam, como já Agrícola e Cardano defenderam e, até, em tempos mais recuados, Santo Agostinho. Seria um método de reconhecimento visual global da palavra, complementado com imagens, que o ajudaria nesta árdua tarefa? Ou teria utilizado um dos alfabetos gestuais proposto já por Bede, como acima notamos, e por um seu contemporâneo, Frei Melchior? Questões que ficam sem resposta, valendo-nos apenas o facto de se registar, já no século XIX, nas palavras de António Hernández Morejón, que Ponce foi «el primero que concibió el gran pensamiento de suplir la falta del sentido del oído com el sentido de la vista y enseñar por señas a hablar a los mudos [...] de él lo han aprendido otros»³¹.

Dedicaremos a parte final deste breve apontamento a um desses outros.

30 M.P. González Rodríguez — G.F. Calvo Población, «Ponce de León y la Enseñanza de sordomudos...», cit., p. 629.

31 M.P. González Rodríguez — G.F. Calvo Población, «Ponce de León y la Enseñanza de sordomudos...», cit., p. 631.

2.2. Juan Pablo Bonet: compilador ou criador?

L. Bragg afirma no estudo que temos vindo a utilizar que não há nada que garanta que Ponce de León tenha usado um alfabeto gestual já criado ou inventado por si. O investigador duvida de um testemunho de Don Baltazar de Zuñiga, marquês de Valero:

The one bit of evidence for Ponce's use of the finger alphabet derives from Don Balthasar de Zuñiga, a contemporary who described the communication methods used with a deaf man who had been a pupil of Ponce's as a child: Don Pedro de Velasco, a nephew of the Constable of Castile. Don Balthasar states that Don Pedro's young nephews, "by express order of the monk, would speak to him using certain movements of their hands with which they formed the letters of the alphabet" (Chaves & Soler, 1974, p. 50). This is clear enough, but unfortunately Don Balthasar has already proven himself an unreliable source on the Velascos when, a few lines before this statement, he confuses the two deaf Velasco brothers, and, in any case, he could not have known these details firsthand. Neither Don Pedro himself, describing his lessons, nor Ponce, describing his procedures, mentions fingerspelling, and, again, there is no evidence for the use of any finger alphabet among cloistered orders of monks until the modern era, and thus no presumptive evidence that Ponce habitually used one³².

A citação acima merece-nos alguns comentários. É verdade que não há nenhum registo escrito de qualquer alfabeto usado por Ponce. Todavia, Bragg reconhece neste trabalho que Bede usou um alfabeto manual, sendo um pouco estranho o que afirma na citação que retirámos, ou seja, já em tempos medievais se usavam dedos para significar números e letras, antes da era moderna. Além disso, não seria relevante Dom Baltazar ter confundido os irmãos pois ambos eram surdos, ou seja, teriam aprendido segundo o mesmo método. Da mesma forma, também desconhecemos a que registos de Ponce ou do seu discípulo se refere, uma vez que, pelo menos do monge de Oña, supomos que nenhum escrito chegou até aos nossos dias. Bragg continua referindo-se a outro religioso coeve, Frei Melchior de Yebra, que sim teria utilizado um alfabeto manual, mas não seria provável que Ponce o tivesse conhecido:

Fray Melchor was active from 1546, when he took the habit of the Friars Minor (Franciscans), until his death in 1586, and there is no evidence that he ever had any

32 L. Bragg, «Visual Kinetic Communication...», cit., p. 22.

special association with people who were born deaf, let alone that he served as a teacher of deaf children. Franciscans were not teachers. Nor is it likely that he ever met or heard of his better-known contemporary, Pedro Ponce de Leon (ca. 1520-1584)³³.

A nosso ver, não há distância cronológica relevante entre as duas figuras que, aliás, coabitavam no mesmo país³⁴. O que a citação acima demonstra é que o alfabeto usado pelo frade franciscano não se destinava a surdos congénitos, mas sim a pessoas que perdem a fala ou a audição, isto é, era usado em situações de comunicação e não de ensino. Ao contrário de Ponce, de quem nada nos chegou, o alfabeto manual está na obra *Refugium Infirmorum* sendo precedido de uma introdução que justifica o seu uso em situações de pessoas moribundas que não conseguem comunicar e assim a cada letra corresponde a forma de uma mão, acompanhada por umas frases edificantes de S. Boaventura, como podemos ver na imagem abaixo reproduzida:



Figura 2 Frei Melchior de Yebra, *Refugium Infirmorum*.
Disponível em: https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Yebra_REFUGIUM_INFIRMORUM_15931.pdf

33 L. Bragg, «Visual Kinetic Communication...», cit., p. 21.

34 L. Reily defende a mesma ideia que nós, ou seja, que é provável que Yebra e Ponce se tenham encontrado: «[...] o franciscano Yebra e o beneditino Pedro Ponce de León tiveram ocasião de encontrar-se, pois ambos se relacionavam com a nobreza da corte espanhola. Ponce de León faleceu antes da publicação da obra de Yebra; no entanto, os alfabetos manuais manuscritos certamente circulavam nos mosteiros da Espanha», L. Reily, «O papel da Igreja...», cit., p. 321.

A publicação deste alfabeto ocorreu em 1593, póstuma quer ao autor, quer a Ponce de León, mas nada nos garante que antes desta divulgação ela não circulasse em ambiente religioso. Aliás na justificação da utilidade deste alfabeto diz-se que “muitos o sabiam” ao que Bragg acrescenta que Yebra não terá mencionado a fonte do alfabeto pois «his silence on the origin of this finger alphabet suggests rather strongly that it was in fairly common use»³⁵.

A notícia do uso de um alfabeto manual destinado explicitamente ao ensino de surdos, surge alguns anos após o abecedário do frade de Yebra, em 1620, na obra *Reducción de las letras para enseñar a hablar a los mudos*. Este livro divide-se em duas grandes partes: na primeira, o autor dá conta dos vários traços fonéticos articulatórios e acústicos de cada letra, os nomes por que são conhecidas e a melhor forma de as ensinar, sendo esta obra um tratado da fonética do castelhano. Na segunda parte, a sua exclusiva atenção vai para a forma de ensinar os surdos para que possam aceder à leitura e escrita de forma mais simplificada e à fala através da visão. Para isso, apresenta um abecedário demonstrativo aconselhando que «tenga el mudo el abecedario de la mano muy bien»³⁶. São apresentadas as letras até ao ‘q’, excluindo o ‘j’, justificando-se em apartado próprio por que se termina ali a representação manual, passando-se a descrever como se executam. Tal se deve às particularidades fonéticas e gráficas das letras. Veja-se o exemplo que concerne o ‘y’ e o ‘z’:

La ,y, y la ,z, tienen tambien una misma demostraciõ, pero difieren en que para significar la ,y, se ha de estar la mano queda puestos los dedos en la forma que se demuestra y para la z, se ha de menear la mano como si enel ayre la quisiesen escrivir³⁷.

De acordo com o método de Bonet, depois do surdo saber bem este abecedário, passava-se a ensinar como se diziam as letras em voz. Assim, também ele partiu da escrita, da visualidade, para atingir o fim requerido: a voz. Juan Pablo Bonet³⁸ viveu entre 1573 e 1633 e foi funcionário da coroa espanhola. Do seu labor, destaca-se o

35 L. Bragg, «Visual Kinetic Communication...», cit., p. 20.

36 J.P. Bonet, *Reducción de las letras para enseñar a hablar a los mudos*, Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes; Madrid-Alicante: Biblioteca Nacional, 2002, URL: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/reduccion-de-las-letras-y-arte-para-ensenar-a-hablar-a-los-mudos--0/>, p. 132. Todas as transcrições são nossas. Não desabreviamos abreviaturas.

37 J.P. Bonet, *Reducción de las letras*, cit., fols. 131-132.

38 As informações sobre a vida de Bonet foram retiradas de: *Diccionario Biográfico electrónico (DB~e)*. Real Academia de la Historia (consultado em 26-10-2024), URL: <https://dbe.rahan.es/biografias/8802/juan-de-pablo-bonet>

serviço que prestou a Juan Fernández Velasco, XI condestável de Castela. Após a morte do senhor, sucedeu-lhe o herdeiro, o seu filho Bernardino Velasco y Tovar de apenas 4 anos. Bonet foi o seu secretário. O irmão de Bernardino, Luís, ficou surdo como consequência de uma doença quando tinha dois anos de idade. Terá sido este o motivo que levou Bonet a redigir o seu tratado.

São diversos os autores que se interrogam sobre se Bonet terá usado o alfabeto que se perdeu de Ponce de León, no caso, claro, de este ter sido parte do método de ensino. Esta interrogação é válida se considerarmos que Ponce e Bonet interviewaram junto da família Velasco em datas próximas com o mesmo fim, ensinar os nobres através da escrita, fosse ela gráfica, visual ou ambas. Também se conjectura que Bonet poderia ter usado o alfabeto que Yebra publicara. Contudo, uma observação atenta da configuração manual das letras dos dois abecedários permite ver que não eram idênticos, isto é, encontram-se configurações semelhantes, mas, também, distintas. Veja-se, a título de exemplo, a diferença entre a configuração da letra C, idêntica, e a da letra D, distinta, nas duas propostas:



Figuras 3 e 4 Configuração das letras C e D no *Refugium infirmorum* de Yebra e em *Reducción de las letras para la enseñar a hablar a los mudos* de Bonet.

Fonte: Fr. Melchior de Yebra, *Refugium Infirmorum*, disponível em: https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Yebra_REFUGIUM_INFIRMORUM_15931.pdf.

J.P. Bonet, *Reducción de las letras para enseñar a hablar a los mudos*, disponível em:
Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, <https://www.cervantesvirtual.com/obra/reducción-de-las-letras-y-arte-para-ensenar-a-hablar-a-los-mudos--0/>

Além disso, Bonet menciona que a inspiração do seu abecedário se encontra naquele proposto por Giovanni Battista della Porta no *De Furtivis Literatum Notis*: «en su libro [...] trayendo muchos modos de cuentas que usavan por la mano. Y como tambien por demostraciones diferentes partes del cuerpo que se tocavan usavan significar las letras entendendo A por auris que son las orejas, B por barba, C capud , la cabeza [...]»³⁹.

Ainda que não vejamos semelhanças entre as propostas de Bonet e as de Battista della Porta, esta última mais para o entretenimento cortês, podendo até apelar ao riso pela manipulação em torno do corpo⁴⁰, a menção de diversos sistemas gestuais para representar as letras indica que a visão era muitas vezes uma forma de se ser visível, no caso de providenciar o acesso dos surdos à sociedade.

Acrescente-se ainda que Bonet parecia avesso ao uso de códigos gestuais, considerando-os distratores daquilo que pretendia: ensinar a falar através da memorização visual do alfabeto manual:

Y será muy necesario que en la casa donde huviere mudo todos los que supieren leer, sepan este abecedario para hablar por el al mudo, y no por las señas, que entendiendo por la mano, o por escrito no será bien que usen dellas, los que le hablaren, ni le permitan a el que se valga dellas, sino que responda a boca a lo que se le preguntare, aunque yerre en la locucion de sus respuestas [...]⁴¹.

Assim, Bonet assertivamente distancia-se da filosofia preconizada por Agostinho ou Cardano que viam na expressão gestual uma forma de significado para, à semelhança do que o título a sua obra indica, reduzir a aprendizagem da escrita à memorização visual das letras. Teremos de esperar pelo século XVIII para que os códigos gestuais voltem a ter palco⁴².

39 J.P. Bonet, *Reducción de las letras*, cit., p. 126.

40 L. Bragg, «Visual Kinetic Communication...», cit., p. 18.

41 J.P. Bonet, *Reducción de las letras*, cit., fol. 130.

42 Referimo-nos aos sinais metódicos criados por Charles Michel Épeé. A título de exemplo leia-se Berthier, *Les Sourds-Muets*, cit.

3. Breves considerações finais

Através desta breve incursão pela visão enquanto órgão sensorial substitutivo da audição e, cremos, sobretudo, da palavra oral, ficam ainda mais perguntas do que respostas. Os documentos antigos que chegaram até eles versam sobre códigos gestuais monásticos, mais ou menos complexos, que não sabemos em que circunstâncias passariam além das portas do mosteiro. Sabe-se que as mãos foram usadas como ferramenta de memorização para o cálculo e convertidas em representações de letras que poderiam fazer parte de equações matemáticas, mas, também servirem como um sistema de escrita visuomanual. A educação de surdos, quanto a nós não por coincidência, começou dentro dos mosteiros, habituados a usar os articuladores manuais para comunicar. É sabido que a educação de nobres, surdos ou não, poderia passar pelos mosteiros, mas a existência de listas de gestos codificados ou de configurações para representar o alfabeto e os números teria, seguramente, tornado menos árdua a tarefa de ensino.

O que importa reter é que a visão, em termos sensoriais, mas também metafóricos, ocupa um lugar de destaque por razões diversas. Depois dos olhos como recetor do mundo e da autonomia, chegava-se à voz e aqueles que eram invisíveis, passam a ser vistos como membros recuperados na e pela sociedade. Assim, rematamos com as palavras de Bonet que sublinham a vista como veículo para ter acesso ao conhecimento: «quedamos excluydos de podernos valer del oydo y conforme a esto necesitados de procurar que otro sentido supla la falta de aquel: esto podrá hacer la vista»⁴³.

43 J.P.Bonet, *Reducción de las letras*, cit., fols. 125-126.